

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

➤ A falta de ética se revela nas mínimas coisas, desde as mentirinhas ditas em casa aos pais, a cola na escola, o suborno de agentes da polícia rodoviária quando alguém é surpreendido numa infração de trânsito, desviar dinheiros públicos, beneficiar-se de cargos, enganar nos preços, jogar lixo na calçada e até fazer pipi na rua

Causas da escandalosa falta de ética no Brasil

O país, sob qualquer ângulo que o considerarmos, é contaminado por uma espantosa falta de ética. O bem é só bom quando é um bem para mim e para os outros; não é um valor buscado e vivido por si mesmo; mas o que predomina é a esperteza, o dar-se bem, o ser espertinho, o jeitinho e a lei de Gerson.

Os vários escândalos que se deram a conhecer revelam um falta de consciência ética alarmante. Diria, sem exagero, que o corpo social brasileiro está de tal maneira putrefato que onde quer que aconteça algum pequeno arranhão já mostra sua purulência.

A falta de ética se revela nas mínimas coisas, desde as mentirinhas ditas em casa aos pais, a cola na escola ou nos concursos, o suborno de agentes da polícia rodoviária quando alguém é surpreendido numa infração de trânsito, desviar dinheiros públicos, beneficiar-se de cargos, enganar nos preços, jogar lixo na calçada e até fazer pipi na rua.

Essa falta generalizada de ética deita raízes em nossa pré-história. É uma consequência perversa do que foi a colonização. Ela impôs ao colonizado a submissão, a total dependência à vontade do outro e a renúncia a ter a sua própria vida. Estava entregue ao arbítrio do invasor. Para

escapar da punição, se obrigava a mentir, a esconder intenções e a fingir. Isso levava a uma corrupção da mente. A ética da submissão e do medo leva fatalmente a uma ruptura com a ética (cf. J. Le Goff, “O medo no Ocidente”), quer dizer, começa a faltar com a verdade, a nunca poder ser transparente e, quando pode, prejudica seu opressor. O colonizado se obrigou, como forma de sobrevivência, a mentir e a encontrar um “jeitinho” de burlar a vontade do senhor.

A Casa Grande e a Senzala são um nicho, produtor de falta de ética: pela relação desigual de senhor e de escravo. O ethos do senhor é profundamente antiético: ele pode dispor do outro como quiser (pois o outro é apenas uma “peça”, como se dizia), a todo momento estava pronto a abusar sexualmente das escravas e a vender seus filhos pequenos, para que não tivessem apego a eles. Nada de mais cruel, antiético e perverso do que a destruição dos laços de mãe e filhos.

Esse tipo de ética desumana criou

hábitos e práticas que, de uma forma ou de outra, continuam, no inconsciente coletivo de nossa sociedade.

A abolição da escravatura ocasionou uma maldade ética imperdoável: alforriaram-se os escravos, mas sem fornecer-lhes um pedacinho de terra, uma casinha e um instrumento de trabalho. Foram lançados diretamente na favela. E hoje, por causa de sua cor e pobreza, são discriminados, humilhados e são as primeiras vítimas da violência policial e social.

A situação, em sua estrutura, não mudou com a República. Os antigos senhores coloniais foram substituídos pelos coronéis e senhores de grandes fazendas e capitães

da indústria. Aí as pessoas eram ultra exploradas e feitas totalmente dependentes. A relação era de medo e de uso da violência ou da repressão.

As relações de produção capitalista (em si altamente questionáveis eticamente, pela relação desigual entre capital e trabalho) que se introduziram no Brasil pelo processo de industrialização e modernização foram selvagens. Nosso capitalismo nunca foi civilizado, pois nunca foi possível uma verdadeira luta de classes (que tem suas regras), no sentido de equilibrar os interesses antagônicos.

A exploração impiedosa da força de

trabalho, os baixos salários são situações eticamente malévolas pelo grau de desumanidade e de injustiça que encerram, impondo privações e muito sofrimento às famílias.

Como superar essa situação que nos envergonha? Ela dura séculos e foi praticamente naturalizada. Antes de fazer qualquer sugestão mínima, importa fazer uma autocritica. Que educação deram as centenas de escolas católicas e cristãs e as 16 universidades católicas (pontifícias ou não) a seus estudantes? Bastava terem-lhe ensinado o mínimo da mensagem de Jesus de amor aos pobres e contra sua pobreza e comprometê-los em mudanças necessárias para que a situação dos pobres hoje fosse menos malvada.

Elas se transformaram, em boa parte (nem todas, felizmente), em chocadeiras dos opressores. A catequese foi doutrinária. Criou-se um cristianismo cultural que até prescinde da fé. Não foi um cristianismo de fé comprometida com a justiça social e com o destino das grandes maiorias pobres e discriminadas.

Como é possível que num país majoritariamente cristão vigore tanta injustiça, insensibilidade, discriminação social e humilhação de negros e pobres? Alguma coisa errada ocorreu no processo de transmissão da mensagem libertadora e humanizadora de Jesus. Para superarmos a crise da ética não bastam apelos moralizantes, mas é necessária uma transformação da sociedade. Antes de ser ética, a questão é política, pois esta, a política, é estruturada em relações profundamente antiéticas.

